

A força do parado: O poder

Die Stärke des Stillstands: Die Macht

Prof. Dr. Gilvan Fogel

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ¹

RESUMO

O texto pretende ser uma exegese da epígrafe. Para tanto, serve-se de uma passagem de Nietzsche, que fala da nossa *situação*, da nossa *hora* histórica, a saber, a consumação do niilismo europeu, e a necessidade de assumir esta hora, esta situação, desde e como *paciência*, desde e como espera e escuta, que perfazem paciência. Na paciência, como paciência, em escuta e espera, vem à tona, *salta* vida, existência. E, porque salto (i-mediato, a-byssal), revela-se como o jogado, o à toa, o inútil. Pura gratuidade (e necessidade!), ou seja, sem porquê e sem para quê. Vida como pura transcendência subitamente irrompida — aí e assim a força, o poder.

37

PALAVRAS-CHAVE

Poder; consumação do niilismo europeu; Nietzsche

ZUSAMMENFASSUNG

Der Text beabsichtigt eine Exegese des Epigraphes zu sein. Dafür nimmt er ein Nietzscheszitat, das über unsere jetzige geschichtliche Situation (*Stunde*) spricht — nämlich die Fülle (Vollendung) des europäischen Nihilismus. Dann kommt es zur Frage die Notwendigkeit diese geschichtliche Instanz *als* und *aus* Geduld her zu übernehmen. Geduld wird als “warten” und “hören” gedacht — diese *Gestalt muss* das *Páthos* dieser *Stunde* ausmachen. Aus dem Warten und aus dem Hören (d.h. aus der Geduld) an dieser *Stunde* heraus öffnet sich *plötzlich* die ursprüngliche (ontologische) Lebensverfassung als Sprung und (weil Sprung) Grundlosigkeit (Abgrund, Abyssus). Leben springt *plötzlich* heraus, d. h., ohne “Warum”, ohne “Wozu”. Und in dieser geworfenen Nutzlosigkeit (und zugleich Notwendigkeit) des Lebens liegt seine Kraft, seine Macht — Leben als reine Transzendenz und reine *Nutzlosigkeit*. *Die Macht*.

STICHWORT

Macht; Fülle des europäischen Nihilismus; Nietzsche

¹ E-mail: gilvanfogel@gmail.com

[...] esse desvelamento da plenitude é a autoridade. Por isso a autoridade é a plenitude do poder. A plenitude do poder como autoridade é, porém, serena em si mesma por ser puro poder. ...O que é puro poder? O puro poder é o poder puro.

(HARADA, *Coisas, velhas e novas*, p. 244)

1

Já lá para os fins de 1888, também fim de linha para ele, Nietzsche escreve uma anotação, que, em *A Vontade de Poder*, chegou a ser intitulada “Recapitulação”. Este título, porém, não consta na Edição Crítica, de Colli e Montinari. Tal título foi, seguramente, um anexo ou *complemento* (melhora, correção!) dos editores de *A Vontade de Poder*, em 1901 ou 1906, quando este texto foi compilado. Mas a anotação tem, sim, um caráter de “recapitulação”, isto é, um retrospecto, uma espécie de resumo ou sinopse de um percurso. Um percurso de pensamento. E esta anotação se fecha assim: “*Pressuposição: coragem, paciência, nenhum recuo, nenhum fervor em avançar. (NB. Zaratustra, a partir da consumação, comportando-se sempre parodicamente em relação a todos os valores anteriores)*”².

Vamos pegar esta anotação tal como se fosse um papel *avoando por aí* — tipo uma *pipa vuada*, solta, largada, ao léu. Agarrá-la e fantasiar sobre este *parado*, que é dito ser uma “*pressuposição*”. Lê-se: “*coragem, paciência, nenhum ardor (“Hitze”), seja para frente (como élan de progresso), seja para trás (de volta, em nostalgia)*”. Tomada assim no ar, *avoando*, este fim do fim desta anotação praticamente final (1888!) parece *coisa* de solta e *avoada* fantasia, a louca da casa. Mas, vamos lá!

Pressuposição diz: pré-sub-posição, isto é, o que antecipada ou previamente é sub-posto ou posto sob, como que a *conditio* para a sustentação e a condução do percurso, do caminho em questão. E aqui, agora, vai-se ainda sub-pôr que este percurso é o do próprio pensamento de Nietzsche, concentrado em *Assim Falava Zaratustra*, a saber, o caminho do *declínio de Zaratustra* — uma, a viagem de Nietzsche, do pensamento de Nietzsche. Assim, o caminho ou o percurso de Zaratustra, da obra *Assim Falava Zaratustra*, é a própria história da filosofia, enquanto e como a história da Europa, do Ocidente. O declínio de Zaratustra é o declínio, o fim da filosofia. Mas como declínio, como fim? Em paródia!? Na verdade, tal jornada, tal viagem, é *imaginada* como o percurso do sol em um dia — o dia que é o Ocidente, a Europa. O *Zaratustra*, a *jornada* do pensamento de Nietzsche, é o fim do *dia* que é o Ocidente. Ela, a jornada, é o ocidente do Ocidente. Seu percurso, sua viagem, é recordação e retomada deste caminho, desta jornada-caminhada, *mas* já desde um *outro lugar*, pois em *paródia* — “a partir da consumação, da “*Fülle*”, Zaratustra relaciona-se *parodicamente* com todos os valores anteriores”, isto é, com todas as *forças* ou

² Cf. NIETZSCHE, F. W. KGW, VIII-1, 7 [54], S. 321 ou NIETZSCHE, F. W. *A Vontade de Poder*. Trad. Marcos Sinésio Pereira Fernandes; Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008, nr. 617,

determinações-compreensões de realidade ao longo da travessia que é o Ocidente, a Europa. Na paródia e como paródia vê-se e diz-se o mesmo diferentemente, melhor, *ambivalentemente*, pois já desde um outro lugar, desde um outro horizonte ou olhar. E o caminho, a caminhada da filo-sofia é um percurso de corrida, mesmo de correria: a corrida e a correria que é o Eros do saber, pelo saber — a busca pelo saber, o *amor* ao saber. Eros que é impulso e impulso que vai se acelerando e se torna corrida, *vira* correria — *pesquisa*. À medida que este Eros, desejo, se transforma em “oréxis”, *vira* impulso, em cuja aceleração e escalada também, por sua vez, se transforma em compulsão — sanha, assanhamento, *hybris*.

A “Fülle”, a cumulação ou consumação, o é desta sanha, desta correria, que é o *progresso do Espírito*, da *razão* — o *progresso* da filosofia, que, como progresso, se fez ciência (ciência moderna, ciência físico-matemática) e esta, por fim, agora, se faz técnica, tecnologia e tecnocracia, o domínio da tecno-ciência, ou seja, números, dígitos, modelos matemáticos, algoritmos, aí tudo nivelando ou igualando, transformando a Terra, a Vida, nesta grande planície, nesta grande planura, quer dizer, uniformidade e monotonia — “uma e só uma interpretação”, sem chance de erro ou de “ambiguidade”³. Enfim, o *niilismo europeu*. Em refazendo ou retomando este percurso, a obra, o pensamento de Nietzsche, tal como o caminho da anta, que é a ida da vinda (!), começa do fim, já pelo fim e, desde aí, vai vendo, vai olhando, vai *parodiando* este percurso, esta viagem, suas estações. Na correria, para que esta seja vista como correria, é preciso que já se esteja também fora dela, à sua margem. Que já se tenha parado. Esta é a pressuposição para que a correria seja vista enquanto e como correria, ou seja, nela mesma e como ela mesma, a saber, como insana, alucinada corrida, ou seja, bulício, pressa, pressurosidade. E, na vigência da correria e da pressa, quem para, porque para, de algum modo já está fora, já está *em outra* — já *virou*. E é este *fora*, este *em outra*, que, paradoxalmente, permite *entrar*, isto é *ver* o e no dentro que move e promove a correria do *progresso do Espírito* — este *fora* é a *parada*, o *parado*, que é marcado como “coragem, paciência, nenhum élan ou ardor para trás, em recuo (nostalgia), ou para frente, em avanço, (furo de progresso)”.

E como é este parado? Uma ação?! E como é a *ação* deste parado, desta *paciência* — paciência e espera? Ação, pois o parado, a espera, não é o inerte, o lerdo, o morto. Já disseram: “Esperar é um à-toa muito ativo”⁴. O tema, o assunto é sério, merece ponderação e sondagem, pois do Zaratustra, em pleno meio de sua viagem, no

³ Cf. WIENER, N., *Cibernética e Sociedade*, Ed. Cultrix, São Paulo, 1958, p. 109, onde se lê: “O primeiro dever do legislador ou juiz é o de fazer formulações claras, isentas de ambiguidade, que não apenas os especialistas, mas também o homem comum da época, interpretarão de uma — e de uma só — maneira. A técnica de interpretação de julgamentos passados deve ser de tal espécie que o advogado saiba não apenas o que um tribunal disse, como até mesmo, com grande probabilidade, o que o tribunal irá dizer. Destarte, os problemas da lei podem ser considerados problemas de comunicação e de cibernética — vale dizer, problemas de controle sistemático e reiterável de certas situações críticas”. Aí a *bula* da uniformidade, da unidimensionalidade — a planície, a planura. Sim, é verdade, a Terra é *plana!* Foi achatada. Ela é, ela tornou-se uma grande planície, uma grande planura.

⁴ Cf. ROSA, J. G., *Orientação*, em *Tutaméia, terceiras estórias*.

roldão de sua travessia, chega a ser dito “tu, o mais paciente”, “*du Geduldigster!*”⁵. Parado, paciência, espera — é este, seria este o imperativo da hora?

2

Vamos abrir um parêntese visando uma preparação à consideração do tema. Vamos ler-ouvir o poema de João Cabral de Melo Neto, em *Serial*, intitulado “Pescadores Pernambucanos”. O poema é formado por quatro *módulos* ou *segmentos*, onde cada um descreve um modo de pescar, um tipo de pescaria. Vamos ver só o primeiro *módulo*, pois só este, o da pesca com *vara*, vai mais nos interessar ou, melhor, nos será oportuno para tal *preparação*. Ouçamos:

PESCADORES PERNAMBUCANOS

Onde o Goitá vai mais parado
e onde nunca passa nada;
onde o Goitá vai tão parado
que nem mesmo ele rio passa,

um pescador, numa redoma
dessas em que sempre se instalam,
espera um peixe: e tão parado
que nem sequer roça a vidraça.

Mas não está parado,
por estar na emboscada:
não é ele quem pesca,
a despeito da *vara*:

mais bem, é ele a pesca,
e a pose represada
é para não fugir
de algum peixe em que caia.

Estranho, toda a ação — toda a pescaria — se desenrola num clima onde tudo, absolutamente tudo é parado, *um* parado, um *grande* parado — a “redoma”, “dessas em que se instala todo pescador”, de que fala o poema. *Redoma*, isto é, aura, halo — *elemento*. “Grande” foi grifado, acima, para marcar este caráter de *essência* como *medium*, como *elemento*, que tudo envolve, circunscreve, e não de tamanho, de altura, largura ou massa-peso. Nada de metros ou de quilogramas de elemento, de *medium*. Na verdade, é um *clima*, uma *tensão vital*, um modo próprio de ser e, como tal, sim, uma aura, um halo. O Goitá, o rio, é parado, tão parado que nada passa. Nem ele mesmo, rio, que, tudo indica, é, devia ser passar, passa. O pescador é, está parado, mas com “pose represada”, “para não fugir de algum peixe em que caia”. Aliás, nós é

⁵ Cf. *Assim Falava Zaratustra*, III, *O Convalescente*.

que dizemos que ele, o pescador, está “parado”. O texto diz justamente que ele *não* está parado por assim estar, “na emboscada”, “represado”. É porque o parado do pescador não é o inerte, o letárgico — poça estagnada. Ou o apático, o indiferente. Ao contrário é o tenso, o *ativo* da espera, que é o tenso próprio da redoma, isto é, da aura, do elemento ou do *medium*.

A verdade, é que neste ou desde este modo próprio de ser, assim nesta tensão vital que é o parado da espera, abre-se, faz-se um outro modo de agir, de ação, de atividade. Não é uma ação regida pela compulsão do *eu quero*, mas pelo modo de ser da *coisa* em questão, p. ex., o pescar, a pescaria. Digamos, é a *coisa* que, então, *quer*, e este precisará tornar-se, fazer-se o *querer do pescador*. A *coisa* (o pescar) quer *através* de mim (pescador). Há que ajustar-se à *coisa*, sintonizar-se e sincronizar-se com ela, com o *seu tempo*, para que ela se faça, venha a ser e eu, o pescador, seja *usado* pelo pescar, pelo *verbo* ou modo de ser pescar. Este, sim, é o *registro*, a *regência* e, desde aí, evidencia-se que “agitar-se não é agir”⁶. Rende-se a isso e, a partir daí, agir, fazer, é *deixar ser*, que não é inércia, mas uma tensão, na qual e desde a qual a medida não é *ou* ativo (causa, agente) *ou* passivo (efeito, paciente) — ter-se-ia, por um lado, ativismo, voluntarismo e, por outro, *passivismo*, inércia, letargia. Porém, no poema que citamos e, agora, acompanhamos, este tenso, melhor, esta tensão é marcada pela “pose represada”, isto é, *não* reprimida, recalçada, mas contida, em contensão — *domada*. Domada e dirigida, canalizada. Isso fundamente marca a espera, toda real espera, que é toda tensão, contensão. É o que faz da espera “um à toa muito ativo”. Sim, a ação do parado, que, portanto, não é inércia. E isso é a paciência, a paciência na e da espera: a postura tensa, contida, *represada* — melhor, em contensão, desde e como contensão. Note-se: este tenso, em contensão, é *assentado*, sereno, de tal modo que se faz *redoma*, a aura que o contém, isto é, o *medium*, o elemento. Este tenso, em contensão, quer dizer: sem derramamentos, sem espraiamentos inflacionados e inflacionários, de modo a deixar tudo escapar, fugir, esvaír-se — sem cunhar, sem forjar. Esta contensão, na verdade, é a forma, a instância de gênese da cunhagem do que vem, do que há de vir à medida que vem e se faz, se *deixa fazer ou vir a ser*. Paciência, espera, aqui e assim, é forja. Assim se faz o parado, o hierático da montanha. Na poética de Cabral, por exemplo, o Chimborazo — *O ritmo do Chimborazo, o Chimborazo como tribuna*, em *Viver nos Andes*.

Mas como é realmente isso que ele, o pescador, “é a pesca”? Lê-se: “Mas não está parado // por estar na emboscada: // não é ele quem pesca, // a despeito da vara: // mais bem, é ele a pesca, // e a pose represada // é para não fugir // de algum peixe em que caia”.

3

Vamos quixotear com o tema. Especular, errar. Viver, existir, é sempre ser e estar ocupado com alguma coisa, em alguma coisa. Viver é inexorável ação, ocupação, atividade. Lida. Viver é fazer, fazer viver, fazer vida, à medida que a faço

⁶ Cf. ROSA, J. G., *Minas Gerais*, em *Ave Palavra*.

enquanto sou feito pelo que faço e como faço — na lida, como lida. Ser pescador acontece, se faz, mais, *precisa* se fazer neste e como este pescar. O *ofício* do pescador é pescar, o pescar. Pescando, no pescar, o pescador insere-se todo na vida, mete-se todo na existência. No elemento vida, no *medium* existência. E é isso, tal elemento (*medium*), *enquanto e como pescar*, que se *apropria* do pescador no pescar, pelo pescar e graças ao pescar. Para ser, para vir a ser *todo* pescador e *todo* no pescar, este precisa *deixar-se*, quer dizer, entregar-se ou abandonar-se a esta tarefa, a este ofício, a *este* viver. Como já se disse, é uma tal tensão vital, uma tal espera em *escuta* (ainda que largada, abandonada *solta*), que o pescar, então, se faz *através* do pescador, *deste* pescador, *usando-o*. Assim e por isso “não é ele quem pesca, // a despeito da *vara* // mais bem é ele a pesca”. Sim, desse modo, ele é pescado pelo peixe, melhor, pelo pescar, pelo ser-viver-pescar, que o agarrou inexoravelmente à medida que ele se entregou a este modo de ser que o ultrapassa, o transcende e sobre o qual ele não decide, não delibera — não *pode* decidir ou deliberar, pois ele é e está à sua mercê. O pescador é pescador por obra e graça deste modo de ser, o pescar — daí precisar segui-lo, obedecer. Ele é incorporado à vida e pela vida no e pelo fazer, que é o *seu* fazer, o *seu* viver. “Pescar é preciso, viver não é preciso”. E, sim, “a pose represada”, isto é, sua atitude contida, sua postura em e de contensão, resguardada e, assim, serena, de ser todo entrega à “redoma”, à aura ou ao elemento — enfim, tal “pose represada” é de fato um cuidado e uma atenção para não perder-se do e no *ofício*, não extraviar-se, isto é, “para não fugir // de algum peixe em que caia”. A “emboscada”, quer dizer, *a espera muito ativa*, fez, faz acontecer no tempo certo. O tempo certo, o *kairós*, é o *tempo* do e no pescar, ditado pelo pescar e seguido, *escutado*, pelo pescador. Sim, cada coisa *tem seu tempo* — seu ritmo, seu andamento, seu modo próprio de dar-se e fazer-se, enfim, sua *lei*.

Pescar, assim, nessa completa ou total entrega, abandono, é o puro, isto é, o todo e simples *reinar* de vida, de existência, *enquanto e como pesca*. Esta se fez o *registro* do e no viver, do e no existir. É o *reinado*, a *regência* da vida (vida, assim, *impera*), de toda a vida nesse e como esse modo de ser, que é pescar, ser-pescar, ao qual o pescador se entrega todo. Ele é tal todo, tal íntegro modo de ser — pois um modo de ser é sempre *um* todo possível. “Pescar é preciso, viver não é preciso”.

Este pescador é forte, este *tipo* é corajoso, animoso. Paciente, contido, centrado e concentrado todo no *à toa*, como o *à toa* — o *seu* ofício. E alegre, jovial. De alegria contida, serena, sem os derramamentos do bobo alegre. Há que aprender-se com ele, ou seja, ser filósofo, pensar, tal como ele pesca. Claro, não é pescar — isso cabe a ele, só a ele. Este é o seu ofício. Trata-se de pensar *tal como*, quer dizer, do mesmo modo, sob a mesma égide deste pescador, segundo este seu modo próprio de ser, *isto é*, de fazer. Ser sob um tal registro, sob uma tal regência. Enfim, pensar *in hoc signo*. Isso e assim o ofício-pensar.

4

Fechemos o parêntese aberto em 2. e voltemos à citação de Nietzsche. Recordando, ela diz: “*Pressuposição*: coragem, paciência, nenhuma *volta*, nenhuma

sanha (“*Hitze*”) de *para frente* (N.B.: Zaratustra, desde a consumação (“*Fülle*”), comportando-se parodicamente em relação a todos os valores anteriores)”.

Coragem é força, elevada disposição de ânimo, de *espírito*. É ânimo forte, valoroso. É firmeza e também alegria, bom humor, jovialidade (“*Heiterkeit*”), mesmo excelência no fazer, na ação, neste e desde este estado de ânimo. Vitalidade, *bom tónus, para cima*. E isso contido, na e com contensão. Na e como paciência. Espera. Nada de açoitamento, de coisa afoita — esparramada. Nada de entusiasmo *demais* — euforia. Também não é coragem e (+) paciência, mas coragem na e como paciência. Ser forte, valoroso, decidido e de *bom humor* (alegre, jovial) nesta tensão, que é a paciência enquanto e como a força, o poder da espera (e da escuta), isto é, no tempo certo, desde o tempo certo — à espera do tempo certo. A própria paciência, que é a medida, dá, faz a alegria, a coragem. Esta é a *pressuposição*, o pré-sub-posto. A espera, que perfaz, que é a *hora do cheio* (“*Fülle*”), da cumulação, da consumação. Aí ser corajoso, isto é, forte, valoroso. Quer dizer: capaz, disposto, apto a resistir, a suportar, a aguentar. A falar na língua do *Zaratustra*, a hora não é de *leão* ou de *criança*, mas de *camelo*⁷. Cabe ânimo, coragem, disposição forte para suportar, aguentar a tensão e as exigências da *hora*. Aí e assim a paciência, a força, o poder da espera. A espera que, já se disse, não é inércia, lassidão, pasmaceira, mas “um à toa muito ativo”.

Mas que hora é realmente esta — a da cumulação, da plenificação, da consumação — e que põe, impõe aguentar, suportar, resistir? Por que e desde onde tal exigência de resistir, suportar, aguentar? Será dramatismo, tempestade em copo d’água? “Tufão de vento por um traque de mula”?! 43

5

Trata-se da cumulação, da consumação do caminho, melhor, do caminhar que é a história da metafísica, isto é, do homem ocidental. Ou, ainda, trata-se da consumação do caminho ou da história (do *tempo*), que é a metafísica, que é o homem europeu. Este é o caminho feito que, em retrospecto, em recordação e retomada (assim será a *paródia*), é todo feito, percorrido pelo pensamento de Nietzsche e como que compactado na obra *Assim falava Zaratustra* — o pensamento do declínio, quer dizer, o movimento que refaz, de volta, o percurso desta história buscando, sondando, agora, a *origem*, o *fundo* (o *direito*), deste *tempo* de busca, do *tempo* da vontade de fundo, de fundamento. Tal procedimento perfaz a *genealogia*. O caminho percorrido, feito, *todo* feito, isto é, um caminho que está *perfeito* de si mesmo — é isso o cumulado, o consumado. *Perfeição*, cumulação ou consumação, que é cunhada na expressão “Deus (= metafísica) está morto(a)”. Com a morte de “Deus”, que é arquétipo de fundo e fundamento, fica-se sem solo, sem fundo. Mais e decisivo: sem o *direito* e a *vontade* da busca de fundo, de fundamento — de verdade. Não há onde fincar pé, firmar-se, estabelecer-se, pois todos “os valores superiores” se *desfizeram*, se *desvalorizaram*. E *valor*, quer dizer, *força* (= vigência de sentido, voga de *interesse*, de *perspectiva*), é o modo como Nietzsche lê todas as determinações de realidade na

⁷ Cf. NIETZSCHE, F. W. *Das três transformações do Espírito*, em *Assim falava Zaratustra*, I.

vigência do mundo europeu, ocidental. O real, todo e qualquer real possível, não é (no sentido que tenha ou seja uma constituição de *coisa*, de *algo*, de uma subsistência ou ocorrência), mas *vale* (i. é, é *força* ou dinâmica de geração, de *gênese*). Se todos os valores se desvalorizam, então, toda a realidade se esvazia, se *desrealiza*. Assim, a vida toma a forma experimentada no instante do terremoto: absoluta instabilidade — horror, pavor, desespero⁸. Aqui e assim, agora, é preciso aguentar, resistir, suportar. Coragem e paciência compõem, *precisam* compor esta *hora*.

E que “Deus” esteja morto, quer dizer: *Deus, a metafísica, pôde tudo que podia poder* — o seu *programa*, o seu *projeto* encheu-se todo, se acumulou, se consumou. *Por isso esvaziou-se* — não *pode* mais nada. E qual o programa, o projeto da metafísica? O que quer, ou seja, para onde se lança, se projeta a metafísica? Querer, em seu sentido maior e precípua, é pôr-se à busca, é lançar-se em *projeto* — *transcender*. Assim, o que *busca* a metafísica? Qual seu projeto? O que ela realmente *quer*? Metafísica está dizendo o mesmo que filosofia. Filosofia é metafísica. Em querendo verdade, a filosofia (metafísica) sempre quis, sempre se pôs à busca de fundo, de fundamento, pois é como fundo ou fundamento certo, seguro, que verdade, a constituição própria do real, no horizonte do projeto metafísico (de “Deus”), sempre foi almejada, querida — mesmo idealizada. *Deve ter, precisa ter/haver* um tal fundo, um tal fundamento, uma tal verdade. Este projeto sempre foi o norte, este programa sempre foi a bússola, a orientação e, então, o *sentido*, a *gênese*.

O começo do percurso, da viagem de Nietzsche-Zaratustra *já o é* desde o cansaço desta busca, *já* desde a exaustão desta corrida atrás do fundo, do fundamento, da verdade — *já* desde o esvaziamento deste sentido. Começa no, desde o fim; na, desde a consumação. Cansaço, pois é próprio deste fundo sempre se recusar, sempre se protelar, se adiar. Exaustão frente à insistente recusa da promessa de fundo, de fundamento, de *verdade*: depois, depois... adiante, adiante... ainda não, ainda não... trabalho insano, *tarefa infinita*. *Pesquisa...* Este fundo, este fundamento, adiando-se indefinidamente, tem a forma, a constituição do que é regido pelo i-limitado, pelo in-finito. Protelação, adiamento, adiamento... Desencanto, decepção e, daí, cansaço. É inútil, em vão! O *páthos* do niilismo.

No auge deste cansaço, no ápice desta exaustão (desencanto), quer dizer, na *consumação* desta viagem, desta busca in-finita, e que se revela *impossível*, de repente, em ou desde salto (= súbito, i-mediato), abre-se o sem fundo, o *abyssos*, desta vontade de fundo, de fundamento. *De repente*, revela-se o nada dessa tensa espera, o sem fundo e o sem razão (*direito*) dessa ansiosa expectativa. Dito de outro modo: na *cumulação* desta andança, *de repente*, abre-se o abismo, ou seja, evidencia-se a insuficiência do princípio de razão suficiente; *de repente*, revela-se o sem razão do princípio de razão. E assim ilumina-se o escuro *como* escuro. Extraordinária clareza, claridade — assim é o a-byssos, o abissal, *como* abisso, *como* abissal. “Sem razão”, “sem fundo”, “sem verdade”. Aí e assim, também, a “Fülle”, a “Vollendung”, a *consumação*, a *cumulação* — a *per-feição* do caminho de Deus, do projeto que é a história

⁸ A respeito, seria oportuno ler e comentar o texto de *A gaia ciência*, nr. 125, *O homem louco (O homem tresloucado, pirado, virado, “Der tolle Mensch”)*.

da metafísica, o *tempo* da voga da *vontade de verdade*. Per-feição, con-sumação da viagem que é a busca, que é o percurso histórico da vontade de fundo e de fundamento⁹. Enfim, de verdade. Nietzsche o *perfeito* de metafísica, o *cumulado* ou *consumado* de verdade — o niilista perfeito. “...quem aqui toma a palavra... é o primeiro niilista consumado, perfeito (*der vollkommene*) da Europa, que, porém, já viveu o niilismo até o fim, que o tem atrás de si, sob si, fora e além de si”¹⁰. Na verdade, é *primeiro* porque é consumado — inteiro, cheio, completo ou *perfeito*. Assim, *primeiro* está dizendo: todo, completo, *de verdade, de fato*. O “primeiro niilista” fala da experiência, então da evidência, do fracasso, da falência do ímpeto pela busca de fundo, da infinita corrida pelo ou *atrás* do fundamento — da *sanha*, do *assanhamento* pela verdade. “Deus está morto”, quer dizer, *a metafísica pôde tudo que podia poder*. Encheu-se, acumulou-se, consumou-se. A verdade, a *vontade de verdade*, não pode mais nada. Este ímpeto, *élan*, se faz, se fez corrida e correria, quer dizer, *sanha*, *hybris*. Nietzsche também denominou este fenômeno de “a história de um erro”. O erro é justo a vigência e a dominação da vontade (que se faz corrida, correria, *pressa*, *sanha*) de fundo, de fundamento a todo custo — de verdade *a qualquer preço*. “*Fiat veritas et pereat mundus — et pereat vita*”. No começo de tudo há um erro, pois parte já de um desvio em relação ao modo próprio de ser de vida — ela *deve* ter fundo, ela *precisa* ter fundamento, *precisa ter/ser verdade*. Seria *coisa* de revoltado, de ingrato?! ... O ponto de partida é um desvio e extravio em relação à própria existência, desvio e extravio estes que, no fim ou na consumação do percurso (fim da “história de um erro”), se revelam com irrefutável patência: a busca sôfrega por fundo e fundamento não tem nenhum fundamento, nenhum *direito*, pois o fundo (a vida, a existência) é sem fundo: a eclosão do abisso. Salto, doação, gratuidade. Isso e assim é muito mais divino. O *em vão* de toda busca até aqui, de todo o *vivido* até hoje. O erro, o desvio *arcaico*, é a positividade e a legitimidade da necessidade do fundo, do fundamento. O erro, então, é a vontade, a *obsessiva* vontade de fundo, de fundamento — de verdade. Aí e assim o desvio, o proto-desvio — no começo de tudo havia, há um erro. E, sim, “*afunda-se, abisma-se*, quando se vai sempre ao fundo, aos fundamentos”.

Esta instância de perda do sentido da busca do fundo, do fundamento, devido à sua exaustão, fracasso (e desencanto!), pois se revelando o programa ou o projeto impossível, enfim, esta é a *hora* do *Zaratustra*, do pensamento ocidental no percurso, no *turno* de Nietzsche. Ainda e sobretudo a nossa hora, o nosso tempo. A hora do desencanto, da decepção, do desamparo do sem fundo da vontade de fundo; do sem fundamento da vontade de fundamento — e, agora, aqui, impõe-se coragem, firmeza de ânimo. Há que aguentar, resistir, suportar a dureza da hora, do instante do terremoto — completa instabilidade. Para tanto, “*coragem, paciência, e nenhum ímpeto de para frente; nenhum élan ou afã (ardor) de para trás*”, isto é, por um lado,

⁹ Lê-se em NIETZSCHE, F. W. KGW, VIII-2, 11[6], S. 252: “*Man geht zu Grunde, wenn man immer zu den Gründen geht*”, que se traduz: “*Afunda-se, vai-se à breca (abisma-se), quando sempre se vai (se quer!) ao fundo, aos fundamentos*”. Esta é uma extraordinária experiência de fim de percurso, de fim (consumação) de caminho.

¹⁰ Cf. NIETZSCHE, F. W. KGW, VIII-2, S. 271; *A Vontade de Poder*, op. cit., Prólogo, nr. 3.

nada de, desesperadamente, dar crédito *ainda* a esta vontade, a este projeto de busca de fundo e de fundamento, se lançando açodadamente para frente, quer dizer, *ainda* na esperança e na expectativa de *progresso* do espírito, da *razão*. Implícita ou explicitamente, neste açodamento, é considerado, sub-pensado: é-se infeliz, fracassado, desesperado, *porque* o espírito *ainda* é *sub-desenvolvido*, *porque* a *razão* *ainda* está *pouco desenvolvida*, *ainda* é *pouca razão*. É preciso, impõe-se *mais e maior desenvolvimento*; *mais, maior e melhor evolução, progresso* do Espírito, da *razão* (ciência, técnica, *muita* ciência, *muita* técnica). Adiante, em frente, pois. Marche!

Mas, por outro lado, o ímpeto pode ser para trás, todo nostalgia, ébrio de nostalgia, de saudosismo, isto é, uma volta, na espera de recuperação de um paraíso perdido (redenção) — uma *Arcádia* metafísica (o “pastoreio do Quixote”!), talvez; um retorno, na expectativa da retomada de uma unidade desfeita, de uma proto-natureza (o *paraíso*, o ou um *uno primordial*) abandonada; retorno a um sentido ou a uma vida virginal e *originária* que ficou lá para trás. Este é o espírito de todo fundamentalismo...

Nesta hora e assim, a sensação é estranha, inquieta; o sentimento é estraçalhante, pois se evidencia que a busca é impossível, sem sentido, pois o fim (o fundo, o fundamento, a verdade) é in-alcançável, uma vez que se protela *sempre*, indefinidamente; adia-se *sempre*, infinitamente. Mas, *no entanto*, o imperativo da busca e da necessidade de fundo, de fundamento, *ainda* se impõe, *ainda* vige, *ainda* impera ou vale, a saber, a meta, o alvo fixado no e do *projeto* (o fundo, o fundamento, a verdade) é, sim, inalcançável, mas *devia* ser alcançável, *devia* ser alcançado. *Deve*, *precisa* ter um fundo, um fundamento, uma verdade. Evidencia-se que, *de fato*, não dá; mas *normativa* ou *prescritivamente* (moralmente!) *ainda* impera, vige, vale, está em voga — a contradição tortura, o paradoxo estraçalha. A hora é dura, dilacerante. *Mas* é preciso *poder suportar, resistir, aguentar* — *ser camelo!* Aqui e agora, *isso* é pensar, quer dizer, *ver*. Ver o é da hora. E suportar. E resistir. Parado. Com e como paciência; na e desde paciência. Isso é coragem. E em já sendo tal disposição, desde tal ânimo, desde a contensão da espera, revelar-se-á *ainda* mais a força, o poder do *parado*. Como puro eclodido, como puro irrompido e jogado — o jogado e assim parado é a própria textura da vida, *o teor o tom* da própria existência.

6

A dilaceração da hora é porque impõe-se, evidencia-se, que se perdeu tudo, irrevogavelmente tudo, uma vez que tudo se esvaiu, tudo *virou fumaça, vapor*, quer dizer, tudo se desmanchou, se *desrealizou*, pois todos os sentidos se desfizeram, todos os *valores* se desvalorizaram, sobretudo “os (metafisicamente) mais elevados”, a saber, “verdade, finalidade (fim), unidade, substancialidade”¹¹. Em suma, o que se revelou é o sem sentido da vontade de sentido *para fora e para além* da própria vida, da própria existência. Tudo que está configurado e espessado nas determinações

¹¹ Os chamados “valores cosmológicos”, isto é, os que dão e garantem a consistência de *mundo*, na *falta* dos quais tudo se *desfaz*, tudo se *desrealiza*. Cf. NIETZSCHE, F. W., KGW VIII-2, 11[99], S. 288/291; *A Vontade de Poder*, op. cit, nr. 12.

finalidade, unidade, substancialidade, verdade — os valores superiores, cosmológicos, i. é, que constituem *mundo*, o *sentido* mundo — ruiu, se desfez. Desmilinguiu-se. *Mundo* (enquanto sentido de/do todo ou *totalidade*) desaba. Sobretudo, o que é decisivo, desfez-se, ruiu, o fundo de colocação destes valores, a saber, a própria vontade de verdade *auto-investida de tal direito, de tal razão*. Desfez-se, sim, *porém ainda não se tem nenhum outro horizonte de fundação ou colocação de valores*. Quer dizer, *ainda não se sabe, ainda não se pode viver sem sentido* — melhor, *sem este sentido, que se mostra, sempre se mostrou como o sentido*. *Mas ter no sem sentido o sentido* — *este, talvez, seja ou precisa vir a ser o imperativo da revelação da hora*. E ficar satisfeito. Nisso e assim ser suficiente. Ser, viver sem sentido (fim, meta) *para fora e para além da própria vida, da própria existência*, isto é, sem fim, sem finalidade, sem causa, sem autoria, sem substancialidade — sem verdade!? Sem meta, sem objetivo? Sem porquê, sem para quê? Sem *de onde*, sem *para onde*? Enfim, sem *Deus*? Gratuitamente, de graça? Sim, tal gratuidade é o que, desde coragem, paciência, salta, irrompe, quando esta coragem e paciência se fazem, fundam *reflexão* — não elucubração mental, não malabarismo lógico-formal, escavações dialéticas. Não.

A reflexão, aqui evocada, é meditação (“*Besinnung*”) e, assim e por isso, um *lembrar-se* ou *recordar-se*, “*sich besinnen*”. Este *lembrar-se*, *recordar-se*, é entrar, afundar no sentido, no caso, no sentido do sem sentido da vida, no fundo do sem fundo da existência. Ou seja, ver, ser e ter o a-byssos como fundo e fundamento. Como *casa, lar, pátria*. A Terra. O finito, a finitude. Mas, estamos nos apressando. Antes, ouçamos Nietzsche, em anotação do mesmo ano (1888) desta que fala de “*pressuposição*”:

Toda a nossa cultura europeia move-se já, desde há muito, com a tortura de uma tensão, que cresce de década a década, como se estivesse encaminhando-se para uma catástrofe: inquieta, violenta, precipitada. Tal como uma correnteza que quer chegar *ao fim*, que não mais *reflete-recordar* (“*besinnt*”), que tem medo de *refletir-recordar* (“*der Furcht davor hat, sich zu besinnen*”)... Ao contrário, quem aqui toma a palavra, não fez até agora nada mais senão *refletir-recordar* (“*sich zu besinnen*”): como filósofo e solitário por instinto, que tirou proveito e vantagem no à parte, à margem, *na paciência*, no lento, no ter ficado para trás, em retardo, em demora e vagar...¹²

A catástrofe que, em roldão e arrastão, *quer chegar ao fim*, pois trata-se da *lógica* de “*nossa cultura*”, é o niilismo, à medida que é a precipitação, em escalada, do desgaste, da desvalorização de todos os valores superiores. A passagem, falando do imperativo da hora, que também fala de paciência, a aproxima e a identifica com o lento, o à parte, à margem, mas, sobretudo, com a disposição, com a prontidão para refletir e recordar — “*besinnen*” e “*sich besinnen*”. E isso em movimento contrário e de resistência à pressa, à correria, à sanha (*hybris*), que se fez busca sôfrega por

¹² Cf. NIETZSCHE, F. W., KGW VIII-2, 11[411], S. 431/2; *A Vontade de Poder*, op. cit., Prefácio, nr. 2 e 3.

verdade; avidez por fundo, fundamento, sentido/finalidade, substancialidade — certeza, segurança, auto-asseguramento. Correria, sanha, que, hoje, se concretiza como técnica e tecnologia (cibernética, informatização), o império do virtual, na consumação do projeto de poder e de controle totais (certeza, auto-asseguramento) de toda a vida, de toda a existência, enquanto e como a consumação do projeto da metafísica, o fim (= consumação, plenificação ou cumulação) da vontade de verdade. Nisso, dentro disso, em pleno roldão e arrastão, mas também como salto para fora disso, irrompe uma disposição de *parar*. *Parar e ouvir* — escutar. Mais: auscultar.

Para tanto, impõe-se o lento, o vagar, a demora. A paciência. Parar, ouvir, auscultar desde onde vem, se faz, cresce e se *alastra* esta vontade — ainda mais, este furor, avidez e sanha por busca, por *progresso* (da *razão*, do *Espírito*, da *ciência*, da técnica como tecnologia), enfim, a desenfreada corrida da vontade de verdade. Seria desde revolta, ingratidão?!... Nesta parada a contensão, o *pulso*, da e na paciência, da e na escuta. Paciência e escuta que são identificados com refletir e lembrar, recordar — “*besinnen*” e “*sich besinnen*”. “*Besinnen*” é refletir, enquanto e como *meditar*. Mas *meditar*, aqui, não deve ser entendido e subentendido como um procedimento introspectivo, intimista, de interiorização, talvez subterrâneo, de enrustimento e dissimulação internos. Enfim, nada de enlevo e de levitação solipsistas. Antes, ao contrário, é o lançar-se e entregar-se (abrir-se para) ao *inocente* sentido do sem sentido, ao *sem querer* da gratuidade da transcendência, que vem e sobrevém, que toma, que acomete, isto é, que se põe e se impõe desde e como ultrapassamento ou *transcendência*. Por isso, entre nós, “*besinnen*” e “*Besinnung*” já foi agudamente traduzido como “pensamento do sentido”¹³, isto é, um ver fundo, lento, contido e intenso, na e com a contensão do parado e da espera (como se viu, à *pescador pernambucano*), que, então, se faz um entrar, penetrar e mesmo afundar no *sentido* (“*Sinn*”) e no *sentir* (“*sinnen*”) de e do sentido. É assim que, na forma alemã reflexiva, “*sich besinnen*”, o “*besinnen*” ganha o sentido de *lembrar-se*, *recordar*. Esta lembrança, esta recordação, é um entrar em si à medida que volta a si e *se* retoma. Aqui, no nosso contexto, “*si*” é a própria vida, a própria existência (encarnada na reflexão/meditação filosófica) que, neste procedimento, nesta e desde esta atitude ou postura, *se* retoma, *se* recupera, isto é, lembra-se e recorda-se do imemorial de sua fundação, que é o imemorial do sem origem (fundo) de sua origem ou gênese — subitamente, em salto, isto é, revela-se sem *origem*, evidencia-se sem fundamento. E, lembremos: *proveniência* (origem, gênese) é *porvir*. Da aquiescência a tal evidência, a tal acontecimento, vem, virá, a satisfação, a suficiência e a alegria de ser, de precisar ser na gratuidade do sem sentido do sentido, a saber, da vida, da existência, que, em si e por si, é *todo* o sentido. O *absoluto*. Assim se chega ao *nosso* *meditar* (“*medito*”, “*meditare*”), talvez proveniente de “*médo*”, “*medomai*”, que é ganhar medida, pôr-se ajustado ou afinado com a *justa medida* e assim *reinar* (!)¹⁴ — a medida da coisa, da própria coisa. Aqui, agora, a *coisa* é a vida, a existência.

¹³ Emmanuel Carneiro Leão, em tradução de “Wissenschaft und Besinnung” (“Ciência e pensamento do sentido”), de HEIDEGGER, M. *Ensaios e Conferências*. Petrópolis: Vozes, 2002, p.39-60.

¹⁴ Cf. BAILLY, A., *Dictionnaire Grec-Français*. Cf. ERNOUT, A.; MEILLET, A., *Dictionnaire étymologique de la langue latine*.

Esta recordação, enquanto volta e, na e como volta, recuperação e retomada¹⁵, é de novo pôr-se em via, recuperando-se do desvio, do extravio, que foi o lançar-se desvairado na corrida, na correria e na sanha pelo fundo, pelo fundamento, enfim, pela verdade. Assim, tal meditar, que é lembrar-se, recordar-se, assim sintonizando-se e sincronizando-se com vida, com o fundo sem fundo (= abisso, abissal) — assim, o homem se mede com sua real medida, faz-se comedido com a sua real medida. Este co-medimento, esta *sintonia* é, perfaz propriamente a meditação. Vida medindo-se com vida, na ou desde a sua irrupção saltada, na e desde a sua instauração gratuita. A medida, aqui, é, precisa ser, não pode não ser senão a própria vida, a existência mesma em sua constituição súbita, de salto, de irrupção — *ab-rupta* — pois esta é a necessidade, na qual e desde a qual se fará toda liberdade. A liberdade de ser, para ser. Ser-se o que se é, o que se pode e se precisa ser; o que não se pode não ser, a saber, vida, existência. E esta enquanto e como finitude, quer dizer, enquanto e como a necessidade de ser um por fazer — ação, atividade, história. Nisso e assim a liberdade. A liberdade como o cumprir-se desta necessidade e, então, desse modo, no fazer, pelo fazer e graças ao fazer, liberar, *libertar um modo próprio de ser*, uma *identidade* — o homem na sua humanidade. A vida finita, a existência gratuita, é o um e o mesmo que, em si mesmo e desde si mesmo, em tudo se diferencia, se altera — em tudo que há, em tudo que é e se faz. Que *pode ser*, haver, dar-se, fazer-se.

7

A anotação que estamos lendo, procurando entender, se fecha com um parêntese, no qual é dito: “(Zaratustra, desde a consumação, relaciona-se sempre parodicamente com todos os valores anteriores)”. Tais valores, já se disse, são os marcos, os índices metafísicos de compreensão e interpretação de realidade, os quais, na instância e vigência da metafísica como a medida do real (o *critério* de verdade), pontuam nossa história. Pela nossa leitura, ainda, são principalmente os chamados “valores cosmológicos” (unidade, finalidade, causalidade, substancialidade), ou seja, as forças ou as determinações de *mundo* e de *verdade* — quer dizer: da fundação e instauração de realidade.

O fato é que, na consumação desta história (ou seja, quando elas puderam tudo que podiam poder, então, experimentam seus próprios limites, mesmo suas próprias *limitações*), a reivindicação dessas categorias, destes *valores*, considerando seu adiamento constante e insistente, faz com que, já no cansaço, na exaustão (chega ao limite, mas *ainda* quer mais — é da persistência deste *ainda* e da constante recusa, que vem o desencanto, a decepção, então, o cansaço e o sentimento de impotência), de

¹⁵ Porém nada temporal ou historiográfico, de datação e calendário, o que seria desejo de volta, de recuo nostálgico, saudosista (*restaurador, conservador*), mas trata-se de recuperação e retomada do radical/essencial *modo de ser do homem* (limite, finitude, *Terra*), a saber, de vida, de existência, no agora e aqui de nossa instância, de nossa *hora* histórica, de nosso intransferível e inadiável *tempo*. Tal repetição ou retomada se impõe, pois vida é o mesmo que, em si mesmo e desde si mesmo, em tudo se diferencia, em tudo se altera ou se *outra*.

repente, abre-se a evidência do abisso, que é como que a clareza do escuro, e se revela que absolutamente não tem sentido *este* sentido, quer dizer, *esta* vontade por tais *categorias*, *esta* busca (querer) por tais *valores*, pois, revela-se, tal *vontade* quer o que não *pode*, então não *deve*, não tem *direito* ou *razão* de querer. E isso porque, em salto, na exaustão, no cansaço (i. é, consumação, limite), se revelou, *melhor*, *é possível* revelar-se vida como o exposto, o jogado, *à toa*; existência como o irrompido desde nada e para nada, em pura gratuidade, em pura inutilidade. Este *puro* está dizendo *só*, *somente*, *tão só* ou *pura e simplesmente*. Então, o *só*, o *tão somente* ou *pura e simplesmente* jogado, irrompido, saltado — de repente, subitamente, de graça, ou seja, por nada e para nada. I-mediatamente, isto é, sem nenhuma mediação, intermediação; sem causa ou autoria. Sem razão de ser. Há, mostra-se, em límpida evidência, a pura e simples vigência deste jogado, exposto — *à toa*. *É isso, tal irrupção, tal revelação/aparição gratuita, o poder*. “Puro poder, que é poder puro”. Ou seja: sem nada querer e mesmo sem nada querer poder *para fora e para além* desse jogado, desse exposto, desse irrompido e saltado — resunção, soberba. O abisso se faz superfície, à medida que se mostra como a clareza do escuro, uma vez que o escuro, isto é, o não-saber, o não-poder-saber e, mais, o não querer e o *não precisar* saber (apreender, representar) o inabarcável e o irrepresentável — enfim, tal *escuro* se revela enquanto e como escuro, enquanto e como *nada além*. Sim, a evidência, a clareza do escuro — a superfície do abismo. *Como* escuro, *como* abismo. Uma iluminação! Decisivo é não querer, não *precisar* de nenhuma clareza ou justificação quanto a este *salto*, nenhuma representação clara e distinta quanto a este acontecimento incontornável e irrepresentável — doação, dádiva. Não é *falta*, não é *carência* — é fartura, transbordamento. Isso e assim impõe-se em, *desde experiência (páthos)* e, então, evidencia-se: tal querer, mais e para além, seria presunção, tal vontade seria soberba — também revolta, ingratidão. Nenhum *élan*, nenhum ardor de busca do fundo do fundo. Mas assim, justamente assim, irrompida e gratuitamente jogada, é a vida, a vida enquanto e como *vontade para o poder*, quer dizer, em movimento espontâneo e gratuito (= vontade, *melhor*, *querer*) para o aparecer (= poder), para o mostrar-se, para o *puro* irromper em doação e dádiva e que assim se põe e se impõe. A espontaneidade, a gratuidade no e do saltar (= vontade, *querer*), no e do eclodir, no e do vir à luz (= poder) — em *pura* (*só*, *tão só*, *simplesmente*) nascividade, em *puro* transbordamento, em *pura transcendência*. A vida, a existência. De graça, por nada, desde nada, para nada. Não é falta, carência, deficiência — é sobra, fartura, superabundância. Para além ou aquém do âmbito ou da circunscrição deste salto, ela, a vida, é ou *vale nada*. Mas, no âmbito absoluto de sua absoluta circunscrição, ela é *de verdade*, *à vera*, pois finitude (débito) é *de verdade*, *à vera*. Fazer é preciso, intransferível. Por nada, para nada. Aqui e agora, a arte se faz, se mostra exemplar: a ação inútil e absolutamente necessária. Alegria na, da ação inútil e necessária.

8

Este ponto de salto, de irrupção da gratuidade e do jogado da vida, perfaz *consumação* — a “*Fülle*”, a “*Vollendung*”, do percurso, da viagem ou da história da

metafísica, quer dizer, da história da *vontade de verdade*, da história da *história de um erro*. Assim falava Zarathustra concentra, compacta esta saga. A beleza e a gratuidade do abismo, do jogado — do poder puro ou do puro poder —, é presente, é dádiva da busca enlouquecida de fundo, da longa vigência da *vontade de verdade*, que, *de repente*, se vê sem direito, sem razão de ser. Nietzsche, Zarathustra, é o louco, o enlouquecido nesta, desta busca. O primeiro niilista perfeito da Europa, pois. Portanto, já em outra, já virado...

E é desde tal *lugar*, desde tal *registro*, sob tal *regência* ou *égide*, que se dá, faz-se o seu olhar paródico em relação a todos os valores anteriores. Desde aí, *parodicamente*, relacionar-se com todos os valores anteriores?! Estes valores suportam, aguentam tal olhar *paródico*? Porque, marque-se, na e desde consumação (e *virada*), este é também o olhar de um “Schelm”, de um “pícaro”, de um “velhaco” — de um *sacana* ou de um “puto”. “Zarathustra, tu és um pícaro, um velhaco, um sacana — um puto”¹⁶, é dito, mais de uma vez, na obra. A *vida revoltada, a existência questionada e confrontada com o sem fundo do fundo, diz isso, vê isso, a saber, que o virado é um puto, um velhaco, um pícaro*. Quando não um estulto. E aqui cabe também ouvir-se o puto, o pícaro, o mentecapto, Sancho Pansa, com “*la boca llena de risa*”: “... diga-me lá, meu senhor, ... isso (de querer fundo e fundamento, e o fundo do fundo do fundo, ora, isso) não foi e não é coisa de rir e não o é de se contar...”¹⁷ Há que aguentar, suportar o olhar do pícaro, do “Schelm”, cujo riso, *mau*, perverso, cáustico, cínico, é de cortar as vísceras, as tripas. Mas o que é paródia?

Antes, ainda, uma observação: agora, aqui, nesta hora (a da consumação, da cumulação), o riso cínico e maldoso, assim como a picardia, do ponto de vista da reflexão, da meditação (“*Besinnung*”), é coisa séria, muito séria. Ele, o riso, olhando com Kant, é o fenômeno, o acontecimento, melhor, o *páthos*, que distende e flexiona tudo que está ou estava hirto, crispado, convulso e convulsionado — então, *de repente*, com o destampar-se do riso, tudo se faz solto, leve, distendido e elástico — sim, o *destampar-se* do riso, pois “o riso é um afeto proveniente da súbita transformação de uma tensa espera em nada”¹⁸. Aqui, para nós, a espera tensa, até convulsionada, que, de repente, no irromper do riso, se desfaz em nada, é a de fundo, de substância, de *verdade* (da *vontade de verdade*) — o fundo do fundo do fundo... Ou, vendo o fenômeno pela via de Bergson, o riso *corrige* uma vez que descristaliza o que na vida se cristalizou, se sedimentou (o que *morreu*) e, desse modo, restaura, revivifica a própria vida à medida que restabelece o movimento — o leve, o lépido, a fluidez, a flexibilidade, a leveza e a graça próprias à vida¹⁹. No ápice desta busca, em plena consumação, Nietzsche perguntou: “E onde está, e por onde anda nosso bom humor,

¹⁶ “Zarathustra, du bist ein Schelm!” — Cf. Nietzsche, F., *Assim falava Zarathustra*, IV, *O grito de socorro* e também em a *Festa do burro*.

¹⁷ Cf. CERVANTES, M., *Dom Quixote*, parte I, cap. XX.

¹⁸ Cf. KANT, I., *Kritik der Urteilskraft*, § 54, Hamburg, F. Meiner, 1974, S. 190 ou *Crítica da faculdade do juízo*, § 54, Forense Universitária, Rio, 1993, p. 177.

¹⁹ Basicamente, é esta a tese de Bergson, ao longo de *Le Rire* e que se constitui também em um *bom*, um belo comentário da definição de Kant.

nossa leveza, nossa jovialidade, nosso lado *gaió, gaiato?* — tudo isso diz “Heiterkeit”²⁰. E, fechando esta menção *en passant* ao riso, ouçamos ainda: “Aquele que mais fundamente quer matar — este ri”²¹.

9

Na consumação (“*Fülle*”, “*Vollendung*”) se revela a impotência de todo poder, de todo *querer poder*. A vida é poder, *puro poder*, pois poder *puro*, uma vez que ela é só o jogado, só o irrompido, só o eclodido — por nada, para nada, em razão de nada, por pura obra e graça de... nada. Nenhum-ninguém. O erro, a presunção está em (*eu*) querer *sobre* (mais, além, acrescentar *meu* poder-querer ao puro poder, ao poder puro, que é a vida) este poder. A presunção maior ainda é investir-se (*eu*) de *querer ser o autor e o dono deste poder*. Tal presunção, tal soberba, é a *sobrecarga, que o burro não aguenta*, a saber, querer somar ao poder inocente da vida o *meu* poder, isto é, o *meu* querer. O *meu*, quer dizer, o do homem, pois isso é *coisa* da qual o homem se (auto)investe, à medida que se crê e se vê com este *direito*, se vê e se crê como o *dono* da vontade, o *autor* do querer, o dono do poder — aí a soberba. O sujeito, a causa — sim, *no começo de tudo há, havia um erro*. Auto-investindo-se de tal poder, de tal autonomia, ao mesmo tempo, se investe do poder e do direito de *justificar, corrigir, reformar* e mesmo de *substituir* (hoje, no e pelo domínio da técnica, enquanto informática, cibernética, o domínio do virtual, isto é, da razão ou do pensamento calculante) o real, a vida, enquanto o puro poder, isto é, o jogado, o irrompido em pura doação e gratuidade — inocência. Mas isso, o auto-investir-se de tal poder e querer, já é rebeldia, rebelião e ingratidão — coisa de *l’homme révolté* e de *bípede ingrato*, a falar, agora, com Dostoievski. Mas rebeldia, rebelião e também ingratidão — isso é puerilidade, infantilidade. Tal puerilidade, infantilidade, inteiramente inoportunas, pois fora de tempo e de lugar, uma vez que presunção, soberba — enfim, tal impetuosismo é *juventude*, *juventude demais* e *tarde demais*. Que se ouça: “O orgulho da juventude ainda está sobre ti (homem moderno, contemporâneo). Tarde, atrasado, te tornaste jovem, mas aquele, porém, que quer tornar-se criança, este precisa ainda superar em si a sua juventude”²². A caminho se impunha esta observação, a respeito de tal presunção e veleidade humanas.

10

Tomemos, enfim, a paródia. Paródia é repetição, retomada. E, enquanto repetição ou retomada, é uma imitação, mesmo o arremedo²³ de uma obra, de uma

²⁰ Cf. NIETZSCHE, F., *A gaia ciência*, nr.343.

²¹ Cf. NIETZSCHE, F., *Assim falava Zaratustra*, IV, *A festa do burro*, 1. Ainda na quarta parte, em *Do homem superior*, 20, lê-se: “Aprendeí, portanto, a rir para além de vós mesmos! Levantai vossos corações, ó exímios dançarinos, bem alto, mais alto! Sem esquecer-vos, tampouco, do bom riso! ... Eu santifiquei o riso... *aprendeí* — a rir”.

²² Cf. NIETZSCHE, F., *Assim falava Zaratustra*, II, *A hora mais silenciosa*.

²³ Aqui deve-se também ter em mente o ar perverso, maldoso, sim, pícaro, *sacana*, do garoto, do *puto*, que imita, arremeda *aquela*, alguma deformação (moral ou não); *aquela*, alguma degeneração ou desvio (moral ou

postura ou de um comportamento, e que toma um ar, um tom irônico, satírico, meio debochado — *coisa* de “*Schelm*”, de pícaro, de *sacana*, à Sancho Pansa. É imitação ou arremedo porque tal repetição ou retomada se faz, sim, mas *desde um outro lugar*, desde uma outra instância ou olhar, que se ganhou, que se *conquistou*. Daí a *ambivalência* (o ambíguo) e a possibilidade do tom pícaro — irônico, satírico, que co-põe o paródico. O pícaro está vendo e sub-vendo o que o tipo *bom, ingênuo*, por conta de ser *bom e ingênuo*, não vê, não *pode* ver, pois ainda não ganhou, não *conquistou* (saltou para) este outro lugar, esta outra instância. Aqui, agora, no nosso caso, a consumação da metafísica, trata-se da repetição, da retomada da vontade de fundo, de fundamento, de verdade (o filósofo, o metafísico, é o típico, o arquetípico *homem bom*), que é a *vontade* da metafísica, a obra que é a metafísica, *mas* desde um outro lugar que o da *vontade de verdade*, isto é, desde um outro horizonte, outro *ponto de vista*, qual seja, a experiência, então a evidência, do sem fundo do fundo, do sem fundamento do fundamento, do sem razão da razão — isto é, o *salto*, que revela o abisso de vida, o abissal de existência, súbita ou i-mediatamente irrompidas, saltadas, *dadas*. A vontade *ávida* de fundo, de fundamento, de verdade (a metafísica), *agora*, é vista, re-vista e, então, cotejada, confrontada com a *inocência* do abissal, precisando medir-se com o sem fundo do fundo, com a *pura* gratuidade de ser e viver, existir, e, vista assim e desde aí, ela não resiste e — ora, isso de querer fundo e o fundo do fundo do fundo e a razão da razão da razão, enfim, *a verdade*, ora, tal *vontade*, que quer o im-possível, o que não *pode* e não tem o direito de querer, ora, “meu senhor, isso não é (também) coisa de se rir e de se contar?!” Nietzsche, Zarathustra — realmente, vocês são uns pícaros, uns velhacos. Uns *sacanas*. *Maus*. Imitada e mesmo irônica e satiricamente arremedada, é a metafísica²⁴ desde, a partir da irrupção súbita (um pleonasma) da experiência do sem fundo, do sem fundamento, isto é, a experiência e, então, a evidência do sem sentido (do abissal) — da pura gratuidade, do puro jogado de tudo quanto é e há. Querer (*eu*, o filósofo, o metafísico, o *homem*), tenaz e avidamente, fundo, mais fundo e o fundo do fundo do fundo, enfim, *a verdade* — isso é *querer demais*. E querer demais é presunção, arrogância (*hybris*). Revolta, ingratidão. O riso, a boa gargalhada de bom humor, sacudindo a pança, ou de deboche, de ironia e mesmo de escárnio, relaxa, *distende* o duro e o hirto, pode cortar as vísceras, mas *cura* o *desarranjo*, *corrige* o *descompasso* — a presunção, a arrogância, a soberba. É a flecha, que fere e cura. Quem *sabe*, ri — já

não) — ou vezo, ou cacoete. Ele, na sua *maldade*, na sua *picardia*, com carinho de anjo, de *anjinho*, (há esses *putos* na pintura renascentista italiana), porém *mau* (sacana, pícaro) — enfim, tal arremedo corrige, põe a coisa de volta nos trilhos, nos gonzos, faz com que a *coisa* apareça, se mostre *inocentemente*, como um *puro sem querer*. Seguindo o rastro de Kant e de Bergson, o arremedo, porque *pega* o *mecânico*, porque *capta* o *estereótipo* e a *de-formação*, gera riso e, assim, *corrige*. Pergunta-se, ainda: afinal, de *quem* é a *culpa*, p.ex., de nanismo? Ou de ser deformado, *feio*? Mesmo de uma paralisia, de um aleijão? Não é *bulling*... É pedagogia, *boa* pedagogia... Hoje, o politicamente correto, a pedagogia limpinha e asséptica, de centro cirúrgico, quer capar este garoto. Falta inocência, *franqueza* — limpeza de coração e de alma. Há algo de podre no reino da Dinamarca...

²⁴ “O Zarathustra é, ao mesmo tempo, paródia da metafísica e do cristianismo”, disse Nietzsche, creio, em *Ecce homo*.

disse um sátiro. Quem realmente quer, aquele que realmente, *por amor, precisa* destruir — este ri. Inocentemente, candidamente, como aquele menino *mau, aquele* anjinho — *aquele puto*.

11

Falou-se acima de “medir-se com o fundo sem fundo da vida”. Neste *medir-se com*, confrontar-se, em se pondo à altura disso com que se mede, aquele que se mede, a saber, o homem, ganha a medida disso com o que se mede, a saber, a vida ela mesma e nela mesma, a existência enquanto tal — *pura transcendência*. E a medida da vida é o finito, a finitude — o *de graça* nisso, o *sem querer* disso. Aí e assim a Terra. Aí e assim a casa, o lar, a *pátria* do homem. A *Terra, só a Terra*, é a terra do homem, o seu *lugar*, a sua *pátria*. A força da vida, o seu *poder puro, inocentemente* puro poder, faz com que ela ampare-se no *puro* desamparo. A *graça do sem querer* e do *sem fundo, sem causa, sem razão*. É só gratidão. Muito obrigado! “*Ora, por nada, por nada! De nada, de nada!*” — responde o abismo.

12

Aí, assim todo exposto, eclodido, jogado, largado — aí e assim a vida, que se mostra como a força, o poder, que nada quer, nada precisa querer ou poder. A força, o poder. Força, poder, pois isso e assim é o *é*, melhor, o modo de ser de tudo quanto é e há, pois tudo quanto há e é é repetição e diferenciação de vida, de existência, o fundo sem fundo, a razão sem razão — o gratuito, a gratuidade. Alegria e gratidão na *graça desse eterno retorno*. Irrevogavelmente. Pura presença, jogada, *entornada* — irrompida, saltada, em pura e simples, quer dizer, em inteira doação, em absoluta dádiva. A completa, a perfeita inutilidade. E isso, só isso é preciso, é necessário. Necessário, absolutamente necessário — e inútil, pois nada para além, nada para alguém. Daí e assim, também, a ironia, o satírico, isto é, o lado pícaro, meio *sacana, debochado*, até de escárnio, da *hora*²⁵, pois é (sub-, co-) perguntado: “afinal, qual o direito desta desenfreada vontade de fundo, de fundamento? Qual a razão do desatino desta ávida, cega, desvairada, busca por *razão*?” Ora, isso, este impossível, este descalabro, este completamente *fora de si*, “não é coisa de se rir e de se contar?” Aí e assim, *alegremente, jovialmente, sem precisar (querer) nada além do que só isso e assim, jogado, exposto, largado e abandonado de graça, sem querer*, aí e assim o *assentamento*, o *assento* no *sem assento*, o fundado e o fundamento no *sem fundo* e *sem fundamento* (o

²⁵ Sério, muito sério seria aqui, agora, a consideração do desprezo — a *hora do grande desprezo*, que é, sim, quando também começa, abre-se o pensamento do declínio, isto é, a descida ao fundo da avidez da vontade de fundo, que revela o completamente sem fundo, o abissal, desta vontade. Só rebelião e culpa. Só ingratidão. Isso, quando já na exacerbação e na *teimosia*, é, sim, desprezível. Desprezo é *des-apreço*. Trata-se do *des-apreço* (desprezo) pelo *apreço demais* (= avidez) pelo fundo, pelo fundamento, pela *verdade*. E, neste contexto, nesta *hora*, é ainda oportuna, muito oportuna a lembrança e a consideração deste grande/essencial verso de Rimbaud: “*J’ai eu raison dans tous mes dédains: puisque je m’évade*” (Cf. RIMBAUD, A., *L’Impossible*). Sim, tive, tenho *direito* ao desprezo, a todo desprezo, pois estou me despedindo, estou de saída, de partida, *já em outra*... A hora do grande desprezo é também uma grande hora. Aqui, agora, desprezar é preciso.

a-bysso)²⁶, isto é, a pátria no sem pátria, o lar no sem lar, a casa no sem casa, o amparo no desamparo — o todo e o pleno sentido no absolutamente sem sentido, na pura gratuidade. A *gaia ciência*. Aí e assim a satisfação, a suficiência — sem lamento, sem amuo, sem acusação, sem ver nisso carência, falta, deficiência: erro (metafísica) ou culpa (moral cristã). Isso, a saber, ser no precisar fazer *inutilmente* (= finitude, débito), no sentido/necessidade do fazer, da ação/atividade *gratuitas* — isso, tal *alegria*, é absolutamente sério e necessário (a *gaia ciência*) e não apático, indiferente, como se fora um *laissez faire* ou um *tout comprendre c'est tout pardonner*. “Não tem sentido, logo, por que, para que fazer?!” Isso e assim seria, ainda, a *lógica* que quer reconhecimento e recompensa; o atavismo interesseiro da metafísica, a obsolescência de *Deus*, sua senescência e tirania.

Mas nada de desencanto, de *abulia*. Cabe, impõe-se cumprir — fazer por nada, desde nada, para nada, pois fazer, desde a imposição de finitude, de *débito* (viver é fazer vida, ser é ser-fazer), é preciso — que o necessário seja. Aí e assim a liberdade. Só isso é preciso, pois viver é preciso (necessário) *não viver* não é preciso (possível/necessário). Acolher esta situação, esta condição, é, em se sendo homem e só homem, ser tão perfeito e tão completo como o cachorro, o brócolis, a pedra, que nada precisam (*podem*) fazer para ser, para vir a ser pedra, brócolis, cachorro — pois não *livram* nenhuma *necessidade*, não *liberam* nenhuma liberdade para, assim, cunhar uma identidade, isto é, a diferença, que é o homem. Agora e aqui a arte é a ação, a atividade *exemplar*, *proto-* ou *arché-típica* — inútil e necessária. Ser cobrador, barbeiro, coveiro, tal como Iberê Camargo, p. ex., necessariamente é artista, pintor. Arte enquanto e como o fazer próprio, que é a necessária ação ou o necessário fazer desde e como escuta e obediência — seguindo o sentido, medindo-se com o sentido (então, *meditando e recordando*), isto é, a força, o interesse, o modo de ser que precisa ser, que precisa vir a ser para que eu seja, para que eu venha a ser o que sou, o que preciso ser. Aí e assim o necessário exercício de liberdade, de *minha* liberdade, da liberdade que sou, à medida que sou homem e só e intransferivelmente homem e só homem. A minha humanidade e, nela e com ela, a minha liberdade — *isso* me foi dado. É dom, dádiva, presente de nada — de nenhum-ninguém. Pura gratuidade. Superabundância de nada, de abismo. Muito obrigado!

55

13

²⁶ Assim é pensada e experimentada, por Heidegger, *serenidade*. O que no texto “Serenidade”, “Gelassenheit”, é chamado “Bodenständigkeit” é “assentamento”. “Boden-ständ-igkeit” é *estabilidade* ou, melhor, *estadidade* (modo de ser estando, o *estado do estando* jogado, largado, saltado e abandonado a si só), um estar *assentado*, um *estando* no modo próprio de ser, na sua própria textura (*chão*), na sua própria *essência* (gênese), *então*, sobre a Terra, um posto *estavelmente* sobre o chão da Terra, o chão-Terra, isto é, sobre o finito (finitude), o limite, quer dizer, o *instável*, ser no ser-fazer, no ser *por-fazer* — tempo, história. *Assentamento* e *contensão* no finito, no *limite*, isto é, na *Terra* — com alegria, com bom humor, com e desde “Heiterkeit”. A *Terra* é a *pátria* (a essência, o lugar próprio) do homem. Assim e aí vivendo, *habitando*, faz-se, dá-se, acontece *serenidade* — a “Bodenständigkeit”. É superada, *desaprendida* a sanha, a *hybris*, a vontade de correção, de reforma e de substituição da vida, da existência. Revolta e ingratidão.

Já que, na abertura, invocamos Cabral, com “Pescadores pernambucanos”, vamos convocá-lo, agora, de novo, para o fecho, o desfecho, com “O ovo de galinha”.

O OVO DE GALINHA

o olho mostra a integridade
de uma coisa num bloco, um ovo.
Numa só matéria, unitária,
Maciçamente ovo, num todo.

Sem possuir um dentro e um fora,
tal como as pedras, sem miolo:
e só miolo: o dentro e o fora
integralmente no contorno.

(Em *Serial*)

“...sem miolo: // e só miolo: o dentro e o fora // integralmente no contorno” — a vida, a existência. Só superfície, só periferia, toda irrompida, toda saltada, jogada — toda e só à flor da pele. Aí e assim, inteira, íntegra. Inteiriça, toda e inteiramente inteiriçada — sem miolo e só miolo. Maciça na pele. Jaz. Fundo e superfície, ambos à toa, numa só linha — *limiar*. Aí e assim a vida, a existência — pura superfície. Pele, casca. *Pura* eclosão, *pura* doação, *pura* dádiva. O poder. O *puro* poder ou o poder *puro* — puro, pois *nada quer, nada visa ou intenciona, nada precisa e nada quer querer*, visar, *intencionar para fora, além ou aquém, dela própria*, uma vez que o *simplesmente* jogado, saltado à toa, *gratuitamente* irrompido, exposto e dado, doado, em trasbordante, superabundante, supérflua presença: é, há, jaz. Dá-se, faz-se. Assim põe-se e impõe-se. Por si, desde si, inutilmente, rege — se faz registro e regência. Assim *impera*. Só como *pura* presença. Por nada, desde nada, para nada. É. Há. Jaz. A vida. A Terra.

Um ovo — ou uma maçã, desde que vista como uma *natureza morta*, de novo, em Cézanne, por exemplo. Um ovo, uma maçã — ou uma montanha, que *impera*, que *domina* a paisagem, que se posta toda altiva — inutilmente; solene, sobranceira e, desse modo, à toa, de graça, *sem querer*, rege; assim, desse modo, por nada, para nada, se faz regência — o Chimborazo, o Aconcágua, Machu Picchu. Ou por aqui, entre nós, miudamente, mas igualmente todo e inteiro, o Açú, a *Maria Comprida*, o *Dedo de Deus*. Ou, ali, aquele imponente, hierático jequitibá; lá, aquela enorme, copada paineira, sem folhas, só flor, só floração — inutilmente explodida em rosa — o poder. Aquele ipê, transbordando amarelo, diante do qual ajoelha-se e agradece-se — “Uma árvore irrompia. Ó pura irrupção, ó pura transcendência!”²⁷. “Ó *colossalidade!*”²⁸

²⁷ RILKE, R. M., *Sonetos a Orfeu*, 1. “Ein Baum stieg. O reine Übersteigung!”

²⁸ Em Guimarães Rosa, tem-se esta mesma experiência de irrupção, de “pura transcendência”, quando se lê: “E, ao descobrir no meio da mata, um anjelim que atira para cima cinquenta metros de tronco e fronde, quem não terá ímpeto de criar um vocativo absurdo e bradá-lo — *ó colossalidade!* — na direção da altura?” (Cf. ROSA, J. G., *São Marcos*, em *Sagarana*, Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1978, p. 238).

Aoristo))))))

International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics

Submetido: 10 de janeiro de 2021

Aceito: 15 de janeiro de 2021